

PODER E IMAGINÁRIO NO IMPÉRIO ROMANO: AS IMAGENS CONTRAPOSTAS DE SEPTÍMIO SEVERO, PESCÊNIO NIGRO E CLÓDIO ALBINO NAS GUERRAS CIVIS DE 193 A 197 D.C.

Ana Teresa Marques Gonçalves*

RESUMO: Boa parte da historiografia, referente aos governos dos Severos, defende que estes Imperadores criaram uma Monarquia Militar e que se preocuparam, principalmente, em se manter no poder por meio da concessão de benefícios para os segmentos militares. Neste artigo, demonstramos que, desde as guerras civis de 193-197 d.C., o primeiro dos Severos, Septímio, não tentou apoiar seu governo somente na força bélica. Ele buscou apoio junto a vários outros segmentos sociais, mediante a utilização de vários expedientes, como a divulgação de imagens contrapostas às promovidas por Pescênio Nigro e Clódio Albino.

PALAVRAS-CHAVE: Roma – Império – Severos – Poder – Imaginário.

Se tentarmos resumir as clássicas abordagens sobre os Severos, principalmente sobre os governos de Septímio Severo e seus filhos e herdeiros Geta e Caracala, vemos que elas sempre giram em torno dos mesmos argumentos. No que se refere ao conceito de Monarquia Militar, ou suas variações, como Autocracia Militar, ele se estrutura a partir de algumas variáveis que se repetem nas obras mais antigas que versam sobre estes governos. Ou seja, os governos severianos podem ser denominados de Monarquias Militares porque apresentaram as seguintes características:

- 1) Os Imperadores usaram os elementos militares para coibir o poder dos senadores (aumento do poder político dos soldados);
- 2) Os soldados se fortaleceram ao receber grande aumento nos soldos e vários donativos (aumento do poder econômico dos soldados);
- 3) Os Imperadores se constituíram em grandes generais, se dedicando a vários empreendimentos bélicos (soldados ficaram mais próximos dos Imperadores);
- 4) O exército passou a ter o poder de fazer o Imperador à revelia do Senado;
- 5) Os Imperadores se apoiaram nos elementos militares para garantir a sua sucessão de forma hereditária;
- 6) Os soldados ganharam poder porque eles se tornaram cada vez mais necessários para a manutenção do Império territorial;
- 7) Os Severos se afastaram dos princípios que regiam a Monarquia Iluminada dos Antoninos, optando pelo apoio dos soldados;
- 8) Septímio teria se autoproclamado vingador de Pertinax para agradar exclusivamente o exército.

Estes são os oito principais argumentos arrolados pelos autores para perceberem, nos primeiros governos severianos, um aumento da força dos exércitos e de sua preponderância sobre as outras forças sociais, transformando-se no principal apoio dos soberanos, que teriam, por isso, aberto mão de outras formas de legitimação.

Analisemos estes argumentos, a partir de outros trabalhos, que questionaram estas posições, apresentando outras possibilidades para o estudo dos governos dos primeiros Severos.

Géza Alföldy defende que Septímio Severo de modo algum foi hostil ao Senado, devido à tradição familiar e à sua formação. Segundo este autor, Septímio teria tratado cruelmente somente alguns senadores que teriam apoiado abertamente seus inimigos, Pescênio Nigro e Clódio Albino, e teria apenas seguido uma tendência iniciada com Adriano de colocar equestres nos postos antes ocupados por senadores, visto que para a manutenção do Império territorial e seu mais eficaz gerenciamento se fazia necessário criar órgãos estatais mais eficazes do que o Senado (ALFÖLDY, 1989:179). Lembremo-nos de que o Senado se tornara um órgão formado por aristocratas cada vez mais diversos e vindos de províncias cada vez mais distantes. Ao mesmo tempo em que esta tendência de absorver os aristocratas das

* Professora de História Antiga e Medieval da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: anteresa@terra.com.br

regiões mais remotas auxiliava, na nossa opinião, na tentativa de gerar uma unidade imperial, tornava o trabalho decisório do Senado cada vez mais complicado. Esta concepção também aparece no texto *The Legion as a Society*, de Ramsay MacMullen, no qual o autor defende que as decisões dos soldados foram necessariamente determinando a sucessão imperial porque o Senado se transformava, por contraste com o exército, num órgão cujos integrantes se tornavam cada vez mais desunidos politicamente (MACMULLEN, 1984:456)¹.

No livro *L'Empire Romain en Mutation, des Sévères à Constantin*, Jean-Michel Carrié e Aline Rousselle discutem, ao longo do primeiro capítulo, vários argumentos tradicionais e a qualificação de Septímio como um Imperador militar e autocrata. Segundo estes autores, Septímio deveria ter sua imagem mais ligada ao direito, devido às suas destacáveis aptidões para o governo civil e para os princípios fundadores do direito romano, do que aos aspectos militares (CARRIÉ; ROUSSELLE, 1999:55). Sem dúvida, Septímio inaugurou uma longa série de governantes impostos ao Senado pelo exército, mas fez questão de ser legitimado pelo Senado quando entrou em Roma, tanto que correu com suas legiões para chegar a Roma, e discursar diante dos senadores, antes que Pescênio Nigro o fizesse. Da mesma forma, fez questão que os filhos fossem aceitos como seus herdeiros pelos senadores (CARRIÉ; ROUSSELLE, 1999:73-75).

Carrié já havia defendido anteriormente esta posição, acrescentando que Pertinax, que passou para a História como um Imperador vinculado ao Senado, foi um comandante militar muito mais conhecido e admirado do que Septímio (CARRIÉ, 1993:85).

Guido Barbieri nos oferece, em seu texto *Aspetti della Politica de Settimio Severo*, uma longa lista de homens novos que foram agraciados por *adlectiones* oferecidas por Septímio, com a intenção de conseguir ampliar sua base de apoio no Senado. Se Septímio só se importava com o apoio do exército, por que gastaria tanto dinheiro para aumentar o censo destes aristocratas e os alçar ao Senado através das *adlectiones*? Pela lista oferecida e analisada por Barbieri, podemos perceber que são, em sua maioria, eqüestres com longa carreira pública e vindos de todas as partes do Império (BARBIERI, 1952:12-31)². B. Forte comenta que durante os governos de Septímio e Caracala houve um aumento de 67 % de senadores advindos de regiões gregas, tanto que ele defende que o fato de Caracala ter buscado se aproximar da imagem de Alexandre Magno acabou auxiliando-o a conseguir um certo apoio destes senadores de origem grega, como veremos no segundo capítulo (FORTE, 1972: 465). Calderini, por sua vez, questiona se a adoção da imagem de “Vingador de Pertinax” por Septímio teria agradado mais ao exército, pois Pertinax havia sido um comandante conhecido, ou aos senadores, que o haviam indicado para o comando imperial (CALDERINI, 1949:49). Portanto, são imagens que precisam ser melhor analisadas.

Além disso, Carrié e Rousselle nos lembram que Septímio nunca foi um general de carreira e que ele vinha de uma família extremamente ligada ao Senado (CARRIÉ; ROUSSELLE, 1999:72). Outros pesquisadores já haviam indicado, anteriormente, esta situação de Septímio. Numa obra bastante citada, *Septimius Severus, Roman Bureaucrat*, Mason Hammond chama a atenção para a carreira civil de Septímio como *advocatus fisci*, *praefectus fabrum* e *legatus iuridicus* antes de ele ingressar na carreira militar, como comandante da quarta legião Cita, estacionada na Síria, devendo-se a isso a sua recorrente preocupação com as leis e o fato de estar sempre cercado de jurisconsultos (HAMMOND, 1940:137-173).

Acrescente-se também que ele vinha de uma família de homens que tinham ocupado altos cargos públicos. Vários autores analisaram estes parentes de Septímio, principalmente mediante estudos epigráficos. Dentre eles, destacamos Luca De Regibus (1946:129-144), G. M. Bersanetti (1946:26-43), T. D. Barnes (1967:100-125)³ e Cesare Letta (1991:650-653). Todos enfatizaram a boa formação civil de Septímio e a sua aproximação com os elementos do Senado⁴.

¹ Neste texto, MacMullen tenta perceber a importância das legiões durante os períodos de paz no Império e sua atuação em momentos de guerras civis, ao invés de se ater à sua importância nas batalhas para ampliação do território (MACMULLEN, 1984:440-456).

² 128 nomes de homens aparecem listados por Barbieri como tendo recebido as *adlectiones* por intermédio de Septímio.

³ Este texto é um dos melhores e mais completos trabalhos sobre a família e a carreira de Septímio Severo, indicando a sua ligação desde o berço com elementos senatoriais.

⁴ Num texto de 1986, Cesare Letta comprovou, mediante uma extensa análise epigráfica, a origem itálica da família de Septímio, contradizendo autores que defendiam uma origem puramente africana para a mesma (LETTA, 1986:531-545).

Deve-se ainda destacar que vários autores têm questionado a imagem de Septímio como um bom general na condução das tropas. Eles defendem que Septímio era melhor estrategista do que combatente. Como, por exemplo, Calderini, que comenta que as qualidades de Septímio eram muito mais civis do que militares, pois analisando detidamente os relatos de Dion Cássio e de Herodiano, verifica-se que, apesar de estar presente nos campos de batalha, Septímio só esteve à frente das legiões na batalha de *Lugdunum* contra Clódio Albino, e com resultados bastante controversos. Nas outras operações bélicas, ele teria cedido o lugar à frente das legiões para os seus generais de confiança (CALDERINI, 1949:495-496).

A. J. Graham, no texto *Septimius Severus and his Generals*, defende que Septímio estava sempre no comando, durante as guerras internas e externas, mas planejando estratégica e taticamente as operações e deixando a frente das legiões para os seus generais de confiança. Contudo, ao contrário de Calderini, conclui que Septímio esteve à frente das legiões em três ocasiões: na batalha de *Lugdunum*, contra Clódio Albino, em algumas batalhas da Segunda Guerra Pártica e na primeira batalha contra os Bretões⁵. Apesar disto, termina seu texto afirmando que Septímio foi um grande organizador de vitórias, não apenas por seus sucessos como estrategista, mas principalmente sabendo escolher bem os seus subordinados, porém, jamais poderia ser considerado um grande comandante de campo (GRAHAM, 1973:255-275).

J. B. Campbell acrescenta: “Não existe nenhuma evidência real que suporte a idéia de que Severo deliberadamente degradou o Senado e ignorou todas as convenções da relação tradicional mantida entre Senado e Imperador” (CAMPBELL, 1984:404)

Eric Birley, no texto *Senators in the Emperor's Service*, demonstrou que apesar da incrementação da utilização de eqüestres, desde os Antoninos, os Severos continuaram usando senadores em cargos importantes. Birley também lembra que Severo nunca serviu como tribuno militar e que, realmente, na Panônia teve o seu primeiro comando consular (BIRLEY, 1988:89-91)⁶.

Esta mesma conclusão aparece no texto de J. Fitz, no qual ele comenta: “O sucesso de Septímio Severo nas guerras civis foi devido em grande parte aos seus generais, seus comandantes de exército, seus governadores e seus amigos” (FITZ, 1971: 425). Desta forma, nem para se ganhar uma guerra se podia contar apenas com o exército, quanto mais para se manter no poder. Isto nos ensina Anthony Birley, em seu artigo *The Coups d'Etat of the Year 193*, no qual ele apresenta todos os homens importantes, senadores, governadores, familiares de Septímio que o ajudaram a conquistar e manter o poder, dando uma certa ênfase para os de origem africana, como o próprio Imperador (BIRLEY, 1969:247-280).

Como enfatiza J. B. Campbell:

Permanece curioso o fato de que Septímio Severo não celebrou nenhum triunfo em todo o seu governo. Ele recusou um triunfo votado pelo Senado em 195, e esta recusa pode ser explicada pelo argumento de que ele não queria receber um triunfo vindo de uma guerra civil. Mas é mais difícil explicar porque ele recusou um triunfo em 202, após o seu real sucesso na Guerra Pártica. A História Augusta sugere que um ataque de gota impediu o imperador de permanecer de pé na carruagem triunfal (HA, Vida de Severo, 16.7). Isto é plausível, pois seria embaraçoso para o Imperador participar de cerimônia tão digna sentado. As vitórias foram celebradas com distribuições de dinheiro e com sete dias de suntuosos jogos e espetáculos (DION CÁSSIO, LXXVII,1.1) (CAMPBELL, 1984:142).

Talvez se pudesse juntar a estes argumentos arrolados por Campbell o fato de que Septímio não teria estado realmente à frente de seus exércitos em ambas as ocasiões nas quais foi agraciado com um triunfo pelo Senado, e que mesmo tendo direito como *Imperator* à cerimônia, tenha preferido comemorar as vitórias por outros meios.

Outro argumento para a caracterização da Monarquia Militar, que tem sido bastante discutido, é o que se refere ao aumento dos soldos e à distribuição de donativos, como forma de conseguir o apoio irrestrito dos soldados. Quase todos os autores que usam este argumento se apóiam numa passagem de Dion Cássio, na qual Caracala teria dito aos Pretorianos, após o assassinato de Geta: “Ninguém sobre a Terra pode ter mais dinheiro do que eu, e eu quero dá-lo todo para os soldados” (DION CÁSSIO, LXXVIII, 20.2).

Mario Mazza afirma que: “Os privilégios concedidos por Septímio Severo, e pelos seus sucessores, aos soldados foram perfeitamente justificados pela situação econômica e, na

⁵ Vide também as passagens de Dion Cássio, 75,6.1 e 74, 15.3, e de Herodiano, 2,11.2 e 3,6.10.

⁶ A utilização de eqüestres em cargos antes ocupados por senadores gerou um grande debate historiográfico. Enquanto autores como Arnheim, 1972; Lopuszanski, 1938; e Homo, 1921 defenderam que os Severos começaram este processo; outros pesquisadores, como Ferrill, 1985; e Keyes, 1915 demonstraram que este processo vinha ocorrendo desde os Antoninos.

realidade, não constituíram nada além de uma necessária adequação a uma situação anterior insustentável” (MAZZA, 1970:459).

Septímio e Caracala teriam tentado, com o aumento dos soldos, diminuir o impacto inflacionário sobre o *stipendium*, que ocorria desde o governo de Cômodo, e com isso tornar a carreira militar mais atraente e aumentar as inscrições nas legiões. Além disso, a possibilidade de casamento dada aos soldados⁷, entre outros benefícios descritos nas fontes textuais, faria com que os filhos dos soldados se interessassem pela carreira paterna (MAZZA, 1970:460). Para Mazza, as fontes senatoriais criticam tanto estes privilégios concedidos aos soldados porque eles permitiram que o exército deixasse de ser o braço armado das “classes dominantes” e se aproximasse mais do Imperador (MAZZA, 1970:462).

Yann Le Bohec, no seu livro, *L'Esercito Romano*, demonstra, mediante um exaustivo estudo das fontes textuais, epigráficas e numismáticas, e fazendo quadros comparativos com os governos anteriores e posteriores, que os Severos não gastaram tanto assim em soldos nem em donativos (LE BOHEC, 1993:283-290). Mas talvez a mais importante conclusão sobre o assunto venha do texto de Elio Lo Cascio, onde se demonstra que: “O Principado Severiano certamente assistiu a uma racionalização da organização interna do Império, tanto no plano administrativo e burocrático quanto no plano fiscal, graças principalmente à ação dos juristas” (LO CASCIO, 1991:727).

A criação de novos impostos, de novas províncias⁸ e dos confiscos, que tanto desagradaram aos senadores, geraram uma situação de equilíbrio fiscal que permitiu a Septímio e Caracala darem os donativos e aumentarem os soldos, mantendo o erário equilibrado (LO CASCIO, 1991:728-729).

Essa mesma interpretação dos dados é fornecida por Richard Duncan-Jones, no livro *Money and Government in the Roman Empire*. Ele demonstra, por intermédio da confecção de vários quadros comparativos, tabelas e gráficos, que Caracala gastou muito mais dinheiro no término da construção das termas, que levam seu nome, do que com o aumento dado aos soldados, pois ele soube incrementar a entrada de dinheiro no tesouro pelo aumento das taxas e dos impostos (DUNCAN-JONES, 1998:16). Da mesma forma, Septímio e Caracala não gastaram tanto quanto se pensava em *donativa* para o exército e em *congaria* para a plebe. Imperadores posteriores, como Heliogábalo e Severo Alexandre, gastaram muito mais (DUNCAN-JONES, 1998:41). Em termos de *congarium*, os soberanos Severos distribuíram muito menos dinheiro que os Antoninos (DUNCAN-JONES, 1998:79), preferindo empregar o dinheiro em novas construções e na reconstrução de edifícios mais antigos.

Nesta tentativa severiana de aumentar o efetivo do exército, os Severos foram acusados de barbarizar os soldados por permitir o alistamento de homens vindos de regiões consideradas mais limítrofes do Império. Y. Dauge combate esta argumentação, defendendo que a multiplicação dos *numeri*, isto é, das unidades extra-romanas, foram fundamentais para a unidade do Império, visto que, pela primeira vez estes “semi-bárbaros” se sentiam realmente integrantes e participantes do Império, ao poderem se alistar nos corpos auxiliares, e este processo teve mais a ver com a necessidade de mais braços para lutar do que de aumentar a base de apoio do governante (DAUGE, 1981:289)⁹. R. E. Smith comenta que as reformas militares de Septímio foram aplicações coerentes e respostas bem estruturadas às exigências do momento, e não simples medidas oportunistas para conquistar o favor das legiões e dos Pretorianos. As medidas faziam parte de um programa maior de revitalização do exército (SMITH, 1972:482)¹⁰.

⁷ Sobre a permissão de casamento dada aos soldados por Septímio, vide: Garnsey, 1970:45-53 e Campbell, 1978:153-166. Em ambos os textos, percebe-se a intenção de Septímio de melhorar as condições dos soldados, para assim atrair mais elementos para o exército, que teve muitas perdas durante as expedições de Marco Aurélio.

⁸ Principalmente a criação da província da Mesopotâmia e a divisão da província da Síria.

⁹ Sobre a relação estabelecida entre esta necessidade de se aumentar o efetivo do exército e as reformas implementadas por Septímio, vide: Carrié, 1993:86. Neste texto, Carrié defende que as opiniões de Dion Cássio e de Herodiano, extremamente contrárias a estas medidas severianas, se inserem na franca hostilidade dos aristocratas a qualquer medida que fosse contra a tradição romana e que mexesse com suas riquezas, pois para implementar algumas dessas mudanças, Septímio e Caracala lançaram mão de aumentos de impostos e de confiscos de bens, atitudes que sempre desagradavam os senadores.

¹⁰ Dentre estas medidas adotadas por Septímio, Smith destaca a reforma da Guarda Pretoriana, a possibilidade de uso de anéis de ouro pelos soldados de maiores patentes, o casamento dos legionários, a formação de colégios e o aumento dos soldos (SMITH, 1972:481-500).

Quanto à questão da utilização do exército para garantir a sucessão imperial, Louis Harmand traz algumas sugestões interessantes para se repensar o problema. Segundo ele, deve-se apagar a tradicional distinção entre Severos e Antoninos, pela qual os primeiros defenderam a hereditariedade enquanto os segundos teriam defendido a adoção, como formas de sucessão. Os Antoninos só adotaram porque não tiveram filhos legítimos, tanto que quando foi possível, com Marco Aurélio, se optou novamente pela hereditariedade. Além disso, Septímio procurou, inicialmente, a adoção de Clódio Albino como César, para só depois indicar os seus dois filhos como sucessores (HARMAND, 1960:21). Acrescente-se ainda que mesmo utilizando a adoção, os Antoninos não abriram mão do apoio do exército na escolha do próximo soberano, basta lembrar as indicações de generais famosos, como Trajano e Adriano. Os Antoninos também se preocuparam com o apoio das legiões aos seus indicados, além do apoio senatorial.

Carrié e Rousselle aproveitam para criticar mais dois argumentos usados para identificar a Monarquia Militar Severiana. Aos que acreditam que Septímio pode ser considerado um militarista porque criou mais três legiões, aumentando o efetivo do exército, eles lembram que o filósofo Marco Aurélio tinha criado mais duas, durante o seu governo, e que esta era uma prática comum antes de se começar uma expedição de conquista; e aos que crêem que só aumento de soldo e donativos é suficiente para agradar os soldados, eles comentam que Septímio foi um dos maiores estimuladores da divulgação do culto imperial entre os soldados, estimulando a ideologia da Vitória, ligada a Roma e ao Imperador, a existência de estátuas nos acampamentos e as celebrações de datas comemorativas dedicadas a membros da *domus divina* (CARRIÉ; ROUSSELLE, 1999:73-75).

Devemos ainda comentar que a chamada ruptura com o sistema dos Antoninos, que teria gerado a “decadência” do Império, segundo alguns autores clássicos, também tem sido criticada. Por exemplo, Drora Baharal, na sua Tese de Doutorado na Universidade de Israel, defendeu que até em termos estéticos, Septímio procurou manter a continuidade com os antecessores (BAHARAL, 1996), além da preocupação em reabilitar a figura de Cômodo, em se dizer filho de Marco Aurélio e em adotar o nome de Antonino para os filhos.

Assim, acreditamos que realmente os primeiros Severos procuraram apoio entre os militares, mas não foram os únicos a fazer isso, nem se apoiaram apenas nos soldados. As bases da associação do Imperador com o exército foram firmemente estabelecidas por Augusto, e os Imperadores subsequentes preservaram e reelaboraram estas idéias (CAMPBELL, 1984:409). Septímio Severo não tentou deliberadamente se basear unicamente no militarismo. Como todos os Imperadores, ele baseou sua posição num suporte militar, mas também reconheceu a necessidade de acomodar os desejos das aristocracias, romanas e provinciais, (CAMPBELL, 1984:411) e da plebe. Caracala aprofundou o conceito de Imperador como *commilito*, isto é, como companheiro dos soldados, mas até Dion Cássio demonstrou que ele era capaz de ter um contato cortês e agradável com os senadores (DION CÁSSIO, LXXVIII, 8.4), quando isto poderia lhe garantir ganhos políticos. Campbell diz que com Caracala “o espírito, não a forma, do sistema imperial se modificou” (CAMPBELL, 1984:422).

Para Calderini, durante os governos severianos, o exército se transformou num instrumento mais político (CALDERINI, 1949:291), entre outros instrumentos adotados pelos soberanos, como o culto e a imagética imperial. Desde Augusto, o soberano deveria divulgar suas qualidades militares e civis, tendo sido ou não elevado ao trono por intermédio das tropas (CAMPBELL, 1994:181-182). Portanto, como defendeu Mason Hammond, Septímio pode ter sido feito Imperador pelos soldados, mas percebeu que, para continuar no poder e transmiti-lo aos filhos, precisaria da legitimação do Senado, já que ele ainda era a fonte reconhecida dos poderes imperiais (HAMMOND, 1956: 111 e 124). Pois, para os senadores, como Dion Cássio, “o poder do soberano depende não dos soldados, mas dos deuses” (DION CÁSSIO, LXXII, 10.4), e o auxílio divino era conquistado pela demonstração das boas virtudes. O Imperador, assim, precisaria utilizar todos os meios disponíveis para permanecer vivo, ressaltando-se entre esses meios de legitimação a razão de ser deste trabalho, isto é, a construção da imagética imperial e a sua divulgação, processo este que denominamos de propaganda, tão importante para a conquista e manutenção do poder de comando imperial.

Os homens aclamados por suas legiões se sentiam suficientemente fortes para se lançarem à conquista do poder imperial. Porém, sabiam de antemão que não bastava o apoio militar. Precisavam criar uma identificação entre si e os outros estratos sociais, como os senadores, os plebeus e os membros das aristocracias provinciais. Para isso, necessitavam se apresentar como os melhores candidatos ao cargo imperial. Num momento de guerra civil, no

qual vários generais se apresentavam para o cargo, era importante não apenas divulgar uma imagem positiva de si próprio, mas construir uma imagem negativa de seus adversários. E podemos ver este processo de propaganda em ação durante as guerras civis de 193 a 197 d.C., nas quais Septímio enfrentou dois grandes oponentes: Pescênio Nigro e Clódio Albino, não apenas em termos militares, mas também em termos de imagens.

Para Zvee Rubin, Septímio enfrentou três guerras civis progressivas e não apenas uma (RUBIN, 1990:16). Contudo, cremos que, na realidade, enfrentou dois grandes oponentes em termos de armas e de imagens, Pescênio e Clódio, pois Dídio Juliano acabou sendo assassinado pelos Pretorianos antes de Septímio entrar em Roma, não havendo um real enfrentamento entre eles. Com os outros contendores, ao contrário, Septímio teve que enfrentá-los em termos bélicos e imagéticos.

Zvee Rubin, em sua obra *Civil-War Propaganda and Historiography*, dedicada à análise de como a propaganda efetivada neste período influenciou as obras literárias (RUBIN, 1990:16), defende que trabalhamos com documentos que por si mesmos já seriam obras de propaganda contra ou a favor dos contendores. Segundo este autor, Dion Cássio teria feito uma obra totalmente pró-Septímio, tendo usado bastante os dados que compunham a autobiografia de Severo (RUBIN, 1990:41-84), enquanto a obra de Herodiano (RUBIN, 1990:85-131) e a História Augusta seriam mesclas de informações pró e contra Severo, a partir da utilização do livro de Mário Máximo e de panfletos e obras favoráveis a Clódio Albino e Pescênio Nigro, que não teriam chegado a nós por terem sido eliminados por Severo, após suas vitórias (RUBIN, 1990:133-193).

Pescênio Nigro vinha de uma antiga e tradicional família de Aquino, na Península Itálica. Após longo serviço em armas, durante o governo de Cômodo, tendo inclusive exercido o Consulado, foi posto como comandante das legiões estacionadas na Síria. Quando Pertinax foi assassinado, após oitenta e sete dias de governo, os Pretorianos indicaram Dídio Juliano para sucedê-lo, mas as legiões estacionadas nas fronteiras quiseram impor seus generais. Septímio foi indicado pelos soldados da Panônia, Clódio Albino pelas legiões da Gália e da Bretanha e Pescênio pelos exércitos da Síria, quase ao mesmo tempo. De acordo com Herodiano, Pescênio teria sido proclamado Imperador e Augusto pelas tropas e teria recebido lá mesmo as insígnias imperiais:

Nigro havia desempenhado o Consulado alguns anos antes e neste momento era governador de toda a Síria, uma extensa província, a maior de então, posto que a Fenícia inteira e o território que se estende até o Eufrates estavam sob a autoridade de Nigro. Era um homem de idade já bastante avançada, que se havia distinguido em muitas e importantes ações. Tinha fama de pessoa equânime e amável, que tomava como modelo a vida de Pertinax (...). O povo invocava seu nome continuamente quando se reunia e, ao mesmo tempo em que insultava Juliano, honrava o ausente Nigro com títulos imperiais. Quando começaram a propagar-se as notícias sobre os contínuos gritos nas reuniões, Nigro, como é natural, deixou-se seduzir pela esperança de que a situação se poria facilmente a seu favor (HERODIANO, II, 7.4-6).

Deste modo, como Septímio, Nigro também se apresentou como um imitador de Pertinax, concorrendo em imagem com o outro candidato ao governo imperial. Começou a convocar para conversas em sua casa os chefes das legiões, os tribunos militares e os soldados mais distintos. Passou, então, a divulgar em todo o Oriente que Roma o chamava para assumir o poder, afirmando que não queria promover uma conspiração, mas atender ao chamado dos romanos (HERODIANO, II, 7.7-8). Assim, Nigro buscava construir um grupo de apoio ao seu redor e criar uma imagem de salvador da situação em Roma e rechaçar a imagem de conspirador, que os rivais poderiam tentar lhe imputar.

Ele começou a se reunir com orientais nas festas e jogos que promovia para aumentar a sua popularidade (HERODIANO, II, 7.7-9). A partir deste expediente, recebeu, ainda na Síria, a toga purpúrea e outras insígnias imperiais dos grupos que o apoiavam:

Puseram-lhe a toga purpúrea de Imperador e o honraram com as restantes insígnias da dignidade imperial, que improvisadamente tinham conseguido reunir. Logo, acompanharam-no, precedido pelo fogo sagrado, aos templos da Antioquia e, finalmente, instalaram-no em sua própria casa, que a partir de então deixou de ser uma mansão privada para se converter num Palácio imperial, e a decoraram por fora com todas as insígnias do Imperador (HERODIANO, II, 8.6).

Assim, a partir da formulação de todo este ritual, descrito por Herodiano, Nigro deixou de ser um homem comum e se transformou num Imperador, com o apoio das divindades. Além do apoio dos soldados e dos governadores de províncias, os candidatos ao poder imperial precisavam demonstrar possuir o apoio das divindades. Durante a guerra civil contra Nigro,

Severo aceitou inscrições nas quais era denominado de *providentissimo*, ou seja, extremamente protegido pela providência divina, enfatizando o superlativo desta proteção frente aos seus inimigos (vide, por exemplo, a inscrição encontrada em Norba, na Lusitânia, e datada de 194 d.C., na qual aparece este epíteto – CIL, II, n. 693).

Nas primeiras moedas, que mandou cunhar em Antioquia¹¹, Nigro já procurou demonstrar ser o escolhido dos deuses e a pessoa mais capacitada para manter a estabilidade do Império, pelo uso neste suporte de legendas bastante tradicionais nos reversos e que divulgavam estas idéias, como *Roma Aeterna* (BMC, V, n. 296 E e 311 B – denários – e n. 311 C – aureo; RIC, IV, n. 69 a 72 – denários), *Saeculi Felicitas* (BMC, V, n. 312; RIC, IV, n. 73 e 74 – denários) e *Felicitas Temporum* (BMC, V, n. 292 a 294; RIC, IV, n. 14 a 17 – denários) (Martin, 1982:378). Ao mesmo tempo, Severo, em Roma, mandava cunhar moedas nas quais aparecia a legenda Concórdia, sobre a imagem de uma mulher segurando uma dupla cornucópia, como se pudesse garantir ao Império duas vezes mais abundância que seus rivais. Nigro também cunhou a legenda Concórdia em suas moedas da Antioquia, concorrendo em termos imagéticos com Severo (RIC, IV, n. 12 – denário). Neste mesmo período, de 193 a 194 d.C., os dois rivais fizeram cunhar moedas divulgando sua invencibilidade. Severo cunhou em Emesa moedas com a legenda *Tropaea. Invicto. Imp.* (BMC, V, n. 335 - denário) e em Laodicea apareceu a legenda *Invicto. Imp.* (BMC, V, n.424 D e 424 E - aureos); já Nigro, em Antioquia, cunhou moedas com as mesmas legendas e com imagens de troféus nos reversos (BMC, V, n. 296 A, 296 F e 301 E; RIC, IV, n. 30 a 40 e n. 80 - denários).

¹¹ Segundo R. F. Bland, A. M. Burnett e S. Bendall, entre 193 e 194 d.C., Nigro cunhou aureos, denários e sestércios nas cidades de Antioquia, Alexandria e Cesaréia, portanto, em algumas das mais importantes cidades orientais, onde se encontrava seu principal apoio (BLAND, BURNETT, BENDALL, 1987:65).

Inicialmente, o nome de Pescênio foi o que realmente recebeu mais favorecimento em Roma (EVANS, 1906:30-31), atitude perceptível nesta passagem de Herodiano:

No Circo, onde se concentravam importantes multidões, insultava-se Juliano e apelava-se para Nigro como defensor do Império Romano e protetor do sagrado ofício de Imperador, e solicitavam que intervisse o quanto antes porque estavam sendo vítimas de desprestígio (HERODIANO, II, 7.3).

Aliás, segundo Dion Cássio, a população de Roma começou a falar de Pescênio como melhor candidato ao governo imperial logo após a ascensão de Dídio Juliano e deste demonstrar que era dado a luxos e bebedeiras (DION CÁSSIO, LXXIV, 13.5 e HERODIANO, II, 7.1). Contudo, dois fatos teriam desagradado os romanos. Em primeiro lugar, Nigro teria se aproximado demais dos reis orientais, que eram inimigos tradicionais dos romanos. Ele teria pedido ajuda aos reis da Pártia, da Armênia e de Hatra (HERODIANO, III, 1.1), prática essa contrária à tradição. Segundo Dion Cássio, Nigro tomou uma resolução perigosa, que teria irritado os aristocratas, pois ia contra as atitudes do modelar Marco Aurélio, que sempre se negara a pedir o auxílio dos bárbaros, afirmando que eles deveriam ficar de fora dos combates entre romanos (DION CÁSSIO, LXXII, 27.2). E em segundo lugar, Nigro teria permanecido inativo na Antioquia, enquanto Severo se apressou a se apresentar às vistas dos senadores romanos (DION CÁSSIO, LXXV, 6.1). Teria marchado de *Carnuntum* para Roma em quarenta e nove dias, fazendo dezesseis milhas por dia (PLATNAUER, 1918:146-153), devido à sua pressa em conseguir o apoio da aristocracia e da plebe de Roma. Enquanto isso, Nigro teria ficado na província síria, tentando obter o apoio dos provinciais da Ásia Menor, da Arábia e do Egito (BERSANETTI, 1949:87). Ao invés de também se dirigir a Roma, Nigro preferiu enviar cartas e editos para o Senado, mas Septímio teria conseguido interceptar estes documentos antes que fossem entregues, publicados e lidos na Cúria, o que teria possibilitado controlar a propaganda de Nigro em Roma (HA, Vida de Severo, VI).

Além disso, Severo começou a agir contra Nigro em Roma mesmo. No início, aprisionou seus filhos (HA, Vida de Severo, VI e VIII; HA, Vida de Pescênio Nigro, V; Herodiano, III, 2.3), reproduzindo uma estratégia muito usada por Cômodo, que costumava ficar com os filhos de seus inimigos, para enfraquecer seus propósitos e evitar a formação de um vingador em potencial. Mais tarde, os filhos de Nigro foram exilados e, posteriormente, assassinados junto com sua esposa (HA, Vida de Severo, IX), tendo os bens da família sido confiscados (HA, Vida de Pescênio Nigro, VI).

Enquanto Pescênio se apresentava também como um novo Alexandre Magno (DION CÁSSIO, LXXV, 6.2), imagem também usada por Septímio, como vimos anteriormente, Severo conseguia que o Senado de Roma o proclamasse inimigo público (HA, Vida de Severo, VIII; HA, Vida de Pescênio Nigro, V), o que legitimava as ações de Septímio contra ele. Para Urbano Espinosa, a citação da aproximação de Nigro com a figura de Alexandre Magno, feita por Dion, indicaria o mesmo expediente usado por este autor para exprimir o seu descontentamento com o governo de Caracala, também mostrado como um novo Alexandre. Tanto Nigro quanto Caracala, para Dion, teriam representado o pior do arquétipo alexandrino, isto é, o próprio tirano oriental e militarizado, preocupado mais com o Oriente do que com o Ocidente. Espinosa lembra que, desde a propaganda augústea contra Marco Antônio, utilizava-se no ideário político romano a associação de Alexandre com governantes preocupados em unir em torno de si as províncias orientais (ESPINOSA, 1990:48).

Desta maneira, vê-se como se faz propagandear no Império que as lutas travadas entre Septímio e Nigro relembavam as batalhas desenvolvidas no passado entre Otávio Augusto, o representante do Ocidente, e Marco Antônio, associado a grupos orientais e apoiado por eles. Apesar de Septímio ser africano de nascimento, casado com uma síria e ter sido aclamado na Panônia, ele se apressou em ser aceito pelos habitantes de Roma e passou a divulgar a associação de Nigro com os orientais e com os bárbaros. Em Herodiano, vemos como propagandeou-se que as batalhas e vitórias de Severo relembavam as de César contra Pompeu, de Augusto contra Antônio e de Sula contra Mário, enfatizando-se que Severo conseguiu vencer outro Imperador, Nigro, que tinha grande poder no Oriente, mas não no Ocidente (Herodiano, III, 7.7). Na tentativa de se aproximar da imagem de Otávio e de ressaltar as semelhanças de Nigro com Antônio¹², Severo aumentou o soldo de seus soldados, lembrando um ato de Augusto antes da batalha de Ácio (HA, Vida de Severo, VII). Além disso, Severo buscava ser um modelo para os soldados, sem ostentar o luxo imperial e

¹² Franco Sartori chega a identificar Nigro como um novo Nero, movendo-se do Oriente para pôr fim à dominação da Roma pagã (SARTORI, 1981: 561-586).

imitando Augusto (HERODIANO, II, 11.2 e 11.5)¹³. Ao contrário, Nigro proibia que seus soldados carregassem moedas nas batalhas (HA, Vida de Pescênio Nigro, X), para que, em caso de derrota, o dinheiro não fosse parar nas mãos dos legionários favoráveis a Severo¹⁴.

Era comum que o Imperador tentasse se promover como um companheiro dos homens em armas, apresentando suas legiões como formadas por seus *commilitones*. Para J. B. Campbell, Severo foi o mais popular dos “*fellow-soldiers*”, isto é, o companheiro dos soldados por excelência, gostando de marchar ao seu lado, na chuva e na neve, e demonstrando bravura nas BATALHAS (DION CÁSSIO, LXXV, 15.3 e HERODIANO, II, 11.2 e III, 6.10). Neste início do governo, Severo passou mais tempo com seus soldados do que com qualquer outra força social, pois enfrentou diversas batalhas contra estrangeiros e contra seus rivais romanos. Assim, era um *commilito* em tempo quase integral, visto que também interessava passar para a opinião pública a imagem de um eficiente comandante. Por isso, não se abria mão das aclamações após as vitórias e de divulgá-las por meio das moedas¹⁵ e dos cognomes, que os governantes acrescentavam normalmente de forma cumulativa ao seu nome¹⁶. Após as vitórias, era comum também a distribuição de dinheiro para manter a lealdade das tropas e agradecer seu empenho (Herodiano, III, 8.4). Ser um bom comandante não agradava somente os soldados, pois a conquista da glória militar também agradava os senadores, que lucravam com novas conquistas, mas que não gostavam de ter de financiar guerras civis, das quais não tiravam grandes vantagens (CAMPBELL, 1984:32-57; 88-100 e 120-156).

Severo contou com dez legiões e sessenta e um mil auxiliares favoráveis a ele, enquanto Nigro captou o apoio de nove legiões e cinqüenta mil auxiliares (HARRER, 1920:157)¹⁷. As tropas de Severo inflingiram três derrotas às forças de Nigro: em Cízico, em Nicea e em Issus, onde o exército de Pescênio foi completamente derrotado e ele foi assassinado, quando fugia em direção à terra dos Partos (MURPHY, 1945:1).

Após derrotar Nigro em Issus, Septímio aproveitou a disposição de suas legiões para atacar os Partos, velhos inimigos de Roma. Com esta atitude, Septímio demonstrava ser forte o suficiente para ampliar os territórios do Império e ser o oposto de Nigro. Enquanto este havia procurado o apoio destes povos orientais, Septímio os enfrentava e os conquistava, agradando os aristocratas mais tradicionalistas. Severo conseguiu aos poucos pacificar o Oriente, principalmente, as cidades da Síria e da Cilícia (HARRER, 1920:166), e se vingar das cidades que apoiaram Nigro, retomando a unidade das províncias, o que era responsabilidade do Imperador. Por exemplo, Antioquia perdeu seu status de *metropolis* e ficou submetida à Laodicea até 202 d.C.¹⁸ (DOWNEY, 1937:141-156). Da mesma forma, Nicea, cidade natal de Dion Cássio, foi punida por acolher os soldados de Nigro após a derrota de Cízico, passando a depender de Nicomédia, sua cidade rival (HERODIANO, III, 2.7-9).

Severo fazia divulgar suas vitórias em todos os cantos do Império e esta propaganda surtia efeitos imediatos nas cidades provinciais:

¹³ Sobre a utilização de um uniforme militar por Septímio, que evitava ostentar o luxo dos trajes triunfais durante as batalhas, vide: Grant, 1974: 259.

¹⁴ Herodiano compara mais uma vez Severo a Augusto, ao comentar que ambos souberam, por vezes, poupar a vida dos filhos de seus inimigos, preferindo exilá-los a matá-los (HERODIANO, III, 13.3). Contudo, sabemos que Septímio aproveitou o fim das guerras civis para se livrar de vários opositores e de aristocratas que apoiaram seus inimigos. Sobre a lista da História Augusta, com o nome dos nobres assassinados por Severo e a referência de Dion sobre o assassinato de vinte e nove senadores (DION CÁSSIO, LXXVI, 8.4), vide: JACQUES, 1992: 119-144.

¹⁵ Septímio recebeu onze aclamações e Caracala obteve três aclamações (CAMPBELL, 1984: 124).

¹⁶ Septímio recebeu os títulos de *Arabicus*, *Adiabenicus*, *Parthicus Maximus* e *Britannicus Maximus*. Já Caracala foi *Parthicus Maximus*, *Britannicus Maximus* e *Germanicus Maximus* (CAMPBELL, 1984: 131). Vê-se, deste modo, como Caracala, filho e sucessor de Septímio, buscou ressaltar ainda mais suas vitórias bélicas pela junção do título de Máximo aos seus epítetos.

¹⁷ Segundo Jean-Pierre Martin, ambos contaram com dez legiões cada um (MARTIN, 1982:377).

¹⁸ Marco Aurélio, pai adotivo de Septímio, já havia punido anteriormente Antioquia com a suspensão da realização de seus jogos, pelo fato de seus habitantes terem apoiado Avídio Cássio (DOWNEY, 1937:144-145).

Quando a notícia da vitória de Severo se difundiu, imediatamente a discórdia e as diferenças de opinião invadiram todas as cidades das províncias orientais, não tanto pela aversão ou simpatia com relação aos Imperadores que estavam em guerra, mas pela grande rivalidade que marcava estas cidades e com vistas à ruína e à submissão de seus cidadãos. [...] Assim, logo após a batalha de Cízico, os habitantes de Nicomédia tomaram o partido de Severo [...]. Mas os de Nicea, devido ao seu ódio pelos de Nicomédia, decidiram o contrário e acolheram as tropas de Nigro [...] (HERODIANO, 2.7-9).

Para evitar que outro homem fosse aclamado Imperador na Síria, durante o governo severiano, a província foi dividida em duas e suas legiões foram separadas e comandadas por dois generais diferentes, indicados por Septímio em 194 d.C. Mais tarde, Severo usaria este mesmo expediente para dividir a província da Bretanha, em Bretanha Superior e Inferior, para evitar o surgimento de um usurpador. Aproveitando o ensejo de criação de novas províncias, reanexou a Mesopotâmia e separou a Numídia da província da África (MURPHY, 1945:43-46), dividindo para melhor comandar.

Severo é apresentado nas fontes como possuidor de grande firmeza de espírito e perseverança ante as dificuldades e detentor de uma boa capacidade de organização militar, mas também escravo do dinheiro e cobiçoso de riquezas (HERODIANO, III, 8.8-9). Dion Cássio ressalta que ele era pequeno de estatura, mas poderoso, e era mentalmente penetrante e vigoroso. Era impetuoso, de poucas palavras, mas muitas idéias (DION CÁSSIO, LXXVII, 16.1). Porém, nas estátuas, era apresentado de forma heróica, conforme a tradição, capaz de enfrentar e derrotar todos os seus inimigos e rivais, ou mesmo imitando a postura típica dos faraós nas estátuas encontradas em território egípcio¹⁹.

Já Nigro é descrito nos documentos consultados como o protótipo do *imperator infelix*, ou seja, um bom general, mas sem sorte e sem proteção das divindades (BERTRAND-DAGENBACH, 1998:35). Tinha um grande senso de disciplina e de hierarquia, espelhando-se em Mário e Aníbal, dois grandes generais do passado republicano (HA, Vida de Pescênio Nigro, XI. 4-5). Enquanto Severo se afirmava como um novo Sula, Nigro se aparentava à imagem de Mário. Nigro teria um caráter feroz e também teria uma grande cobiça por riquezas, como Septímio, mas seria um ótimo militar, duro com seus soldados (HA, Vida de Pescênio Nigro, I e III). Segundo a História Augusta, admirava Augusto, Vespasiano, Tito, Trajano, Antonino Pio e Marco Aurélio (HA, Vida de Pescênio Nigro, XII.1), mas não se afirma que ele os imitava.

Valerio Neri percebe como na História Augusta os rivais de Severo são apresentados como *monstra*, com aspectos físicos diferenciados (NERI, 1998:259). Enquanto Albino apresentaria uma coloração de pele excessivamente branca (HA, Vida de Clódio Albino, IV.4), Nigro seria tricolor: rosado no rosto, negro no pescoço e branco no resto do corpo (HA, Vida de Pescênio Nigro, VI.5). Desta forma, a descrição física aparece como complemento de seus retratos morais. Entretanto, nas poucas estátuas que sobraram, Nigro aparece de forma tão tradicional e heróica quanto a assumida por Severo.

Na História Augusta, afirma-se que a imagem de Nigro foi sendo refeita com o tempo. No IV século d.C., ele aparecia como uma referência de general eficiente e severo, sendo apresentado como um dos melhores de seu tempo e um exemplo a ser seguido pelos soldados (HA, Vida de Pescênio Nigro, X). De igual maneira, a opinião sobre Severo também teria sofrido alterações com o passar do tempo e em contraposição à imagem de seus sucessores:

Depois de sua morte, as opiniões de todos se modificaram muito, principalmente porque depois, durante um longo período de tempo, nem seus filhos fizeram bem algum ao Império, nem os usurpadores que invadiram a República mais adiante fizeram outra coisa que converter Roma em prisioneira de salteadores e piratas. [...] Depois de sua morte, foi quando mais extraordinariamente ele foi amado, uma vez extintos os ódios e o temor de sua crueldade (HA, Vida de Severo, XIX).

Outra passagem na qual se retoma o mesmo tema é: “Creio que foi precisamente por contraste com o caráter de Bassiano que Severo, que havia sido um homem sombrio e verdadeiramente cruel, chegou a ser julgado um varão justo e digno dos altares dos deuses” (HA, Vida de Severo, XXI).

¹⁹ Segundo J. C. Scott, em sua obra *Domination and the Art of Resistance*, cada membro da elite, e o Imperador em especial, definia seu auto-retrato, expondo a forma como ele queria ser visto. Scott chama este tipo de auto-imagem de “transcrito público”, ou seja, a imagem divulgada para ser consumida pelo público em geral (SCOTT, 1990:30).

Desta forma, Severo teve sua imagem modificada por contraste com a de seu filho e herdeiro Caracala, inicialmente, e depois por comparação com seus sucessores. Tanto que Aurélio Victor escreve, no IV século d.C., que se lhe reprovou inicialmente um excesso de severidade na reforma dos costumes, mas posteriormente Roma, rendida à inocência de seus ancestrais, recobrou a verdadeira saúde da alma e acabou por proclamar a clemência deste Imperador. Foi a morte de seus rivais e o massacre de seus partidários que fizeram Septímio passar por um homem cruel demais, mas depois se teria percebido que na realidade ele queria salvar os cidadãos pelo controle da guerra civil e que a severidade e a crueldade foram necessárias em seu tempo (Aurélio Victor, XX), reconstruindo-se *a posteriori* a imagem de Septímio.

No que se refere às imagens de pedra e de bronze de Pescênio, conta-se, na História Augusta, um fato muito interessante que teria ocorrido com uma estátua de Nigro:

Sua casa, que é conhecida como Pesceniana, pode ser conhecida ainda hoje no Campo de Júpiter. Dentro dela, uma habitação com três compartimentos, tem uma estátua sua, esculpida em granito de Tebas, que reproduz suas feições. Foi um presente do povo de Tebas. Além disso, conserva-se em seu pedestal um epigrama escrito em grego, cuja tradução é a seguinte: "Aqui está o grande Nigro, terror do soldado egípcio, aliado de Tebas, para a qual deseja uma idade de ouro. Os reis, os povos, a adorada Roma o chamam. Querido dos Antoninos, querido do Império. Tem o nome de Nigro, e negra é a estátua que para ele esculpimos, para que a forma se harmonize com ele no granito". Versos estes que Severo não quis apagar quando seus Prefeitos lhe sugeriram que o fizesse. E fez o seguinte comentário: "Se tão grande homem foi, que todos vejam a categoria do homem que vencemos; se não foi tão grande, que todos acreditem que vencemos um homem assim descrito. Que a inscrição permaneça porque foi na realidade um grande homem (HA, Vida de Pescênio Nigro, XII).

Portanto, Severo faz algo contrário à prática da *damnatio memoriae*. Ordenou que se mantivesse a estátua e a sua inscrição honorária para que todos soubessem que derrotou um grande homem, adorado e respeitado pelos egípcios e por vários outros orientais. Ao invés de suprimir a memória de Nigro, Severo preferiu mantê-la e reconstruí-la como a do grande homem que derrotou, para que servisse de exemplo para os vindouros.

Segundo Dion Cássio, antes de seu final trágico, Nigro já havia recebido presságios ruins para a sua empreitada em direção ao comando do Império, ao contrário dos excelentes *omina imperii* divulgados por Septímio. Em uma das batalhas, uma águia teria se empenhado sobre um estandarte militar e lá ficou até ser capturada, e foram encontrados favos de mel nos estandartes militares (DION CÁSSIO, LXXV, 6.3), indicando que a natureza estava contra os empreendimentos militares de Nigro.

Assim que Nigro começou a perder as primeiras batalhas, diversas cidades passaram a mudar de lado e a apoiar Septímio. Para demonstrar sua lealdade a Severo, suprimiram as honras dadas a Pescênio, derrubaram suas estátuas e derreteram suas moedas, por isso restaram tão poucas referências a este Imperador (Herodiano, III, 3.3). Após a supressão definitiva de Nigro (Herodiano, III, 4.6), Severo teria perseguido seus amigos e as cidades que o haviam apoiado, promovendo diversos confiscos de bens e a suspensão de benesses (DION CÁSSIO, LXXV, 8.2-5 e 14.2).

Um processo muito semelhante ocorreu na parte ocidental do Império, quando Clódio Albino resolveu enfrentar Septímio Severo, após perceber que seu título de César havia sido conferido mais por questões estratégicas do que devido a motivos sucessórios. E durante a continuidade das guerras civis, houve, mais uma vez, um embate da imagem de Septímio com outro rival, neste caso, Albino.

Começamos relembando uma pequena passagem da obra de Aurélio Victor: “A Fortuna toda odiosa das guerras civis, bem que elas tenham por princípio uma inteira premeditação, e que permitem e sofram que se altere a verdade para salvar os cidadãos, mais que para os perder” (AURÉLIO VICTOR, XX).

Segundo as palavras de Aurélio Victor, era aceitável que se alterasse a verdade dos fatos no que era divulgado aos cidadãos, durante as guerras civis, para que estes fossem salvos. Esta postura de Victor indica uma característica básica do período que marcou o embate militar de Septímio e Clódio: a formulação e a divulgação de imagens complementares e/ou divergentes dos dois generais envolvidos no conflito, repetindo-se o que já havia sido feito durante os embates travados entre Pescênio Nigro, apresentado como um novo Marco Antônio por seus detratores, e Severo, que buscou se aproximar da figura de Otávio Augusto, como vimos.

Como afirma Herodiano, Septímio, como bom estrategista, sabia que não poderia combater ao mesmo tempo dois rivais em territórios diversos (HERODIANO, II, 15.2): no Ocidente contra Albino e no Oriente contra Nigro. Assim, teria tornado Albino seu César, virando-se contra ele após derrotar Pescênio. Esta é a versão apresentada não apenas por Herodiano, mas também por Dion Cássio e na História Augusta. Segundo Dion, Septímio era perspicaz o suficiente para não lutar em duas frentes ao mesmo tempo e por isso teria tornado Clódio Albino seu César. Dion esclarece ainda que tanto Albino quanto Nigro eram grandes generais, que souberam fazer sua fama durante as guerras travadas por Cômodo contra os povos bárbaros (DION CÁSSIO, LXXIII, 8.1 e LXXIV, 15.1). Na História Augusta, cita-se textualmente a informação dada por Herodiano (HA, Vida de Clódio Albino, I.1) e acrescenta-se uma informação comprovadamente errônea: que Cômodo já teria escolhido Albino para ser seu César e sucessor, deixando-o usar a toga triunfal purpúrea, mas sem ouro nas bordas (HA, Vida de Clódio Albino, II e VI):

A morte de Pertinax, assassinado por instigação de Albino, quatro distintos Imperadores foram proclamados quase ao mesmo tempo: Juliano pelo Senado em Roma, Septímio Severo na Ilíria, Pescênio Nigro no Oriente e Clódio Albino na Gália, cada um destes três por seus respectivos exércitos. Herodiano afirma que Clódio Albino foi o César de Severo, mas em pouco tempo cada um deles se irritava com o fato de que o outro fosse Imperador e os exércitos da Gália e da Germânia não podiam suportar a idéia de que o Imperador não fosse o nomeado por eles. E por causa disso, todo o Império submergiu no caos geral (HA, Vida de Clódio Albino, I).

Deste modo, na História Augusta, justifica-se a escolha de Albino para César por este já deter grande poder desde o governo de Cômodo, sendo inclusive acusado de fomentar a ira dos Pretorianos contra Pertinax, com a pretensão de tomar o governo imperial (HA, Vida de Clódio Albino, XIV). Esta concepção de que Albino teria conspirado contra Pertinax e mesmo participado ativamente de seu assassinato também aparece em outras fontes do IV século d.C., como na obra de Aurélio Victor (AURÉLIO VICTOR, XX). Fato este que, para Victor, justificaria o massacre de partidários de Clódio Albino e Nigro feito por Severo. O grupo de apoio destes dois generais teria não apenas conspirado contra Septímio, mas anteriormente teria ajudado a derrubar Pertinax do poder, e Severo como Vingador de Pertinax teria que vingar este feito de forma exemplar. Portanto, fica claro pela leitura crítica dos documentos que

não se tratou somente de um embate de homens gananciosos pelo poder, mas de uma luta de grupos políticos, contrapondo legiões com interesses diversos e senadores que apoiavam Severo ou Albino.

Todavia, Jean-Pierre Martin apresenta outra possibilidade bastante interessante para a aclamação de Albino como César de Severo. Para este autor, Septímio quis se aproximar pelos seus atos dos Antoninos, mais uma vez. Teria querido imitar Adriano, que escolhera Antonino Pio para um governo provisório enquanto seus reais escolhidos, Lúcio Vero e Marco Aurélio, cresciam e aprendiam os meandros do poder. Para Martin, Septímio havia indicado Albino como César para que fosse um novo Pio, esperando que seus filhos herdeiros, Caracala e Geta, crescessem e aprendessem a governar pelo exemplo do pai (MARTIN, 1982:383). Esta hipótese também é aventada por C. E. Van Sickle, que defende que, ao indicar Albino como César, Severo se aproximou de uma aristocracia que, anteriormente, já havia apoiado os Antoninos e que agora parecia ter grande apreço por Albino e não gostava da hereditariedade na definição do princípio sucessório (VAN SICKLE, 1939:158-159). Mas, ao vencer Pescênio Nigro e os Partos, Severo ficou forte o suficiente para desagradar estes aristocratas e impô-los seus filhos como herdeiros, tanto que ele se indispsôs com Albino a partir de 195 d.C. e tornou Caracala César em 196 d.C., enquanto lutava com Clódio e não antes da contenda. Assim, cai por terra a concepção de que Albino teria se indisposto com Severo ao perceber que este queria indicar seus filhos como herdeiros e que ele seria deposto da honra de César, visto que Severo só indicou Caracala depois de começar sua luta contra Albino²⁰.

Em 193 d.C., Septímio teria enviado uma carta convidando Albino para ser seu César e para governar junto com ele (HA, Vida de Clódio Albino, VII). Para propagandear seu novo cargo e sua vinculação à imagem de Septímio, Albino teria adotado o nome de *Septimius* e teria ganho o direito de cunhar moedas e de erigir estátuas:

Enquanto dirigia habilmente os preparativos para a guerra (contra Pescênio Nigro), Severo, como homem precavido e prudente que era, começou a desconfiar do exército da Bretanha, uma força numerosa e poderosa que contava com excelentes combatentes. Mandava em todo este exército Albino, um patricio membro do Senado que havia crescido entre a riqueza e o luxo de seus antepassados. Assim, Severo decidiu atrair Albino usando da astúcia. Temia que um dia, com tantos incentivos como tinha para aspirar ao Império, pois se apoiava em sua fortuna, linhagem e na força de seu exército e em seu prestígio entre os romanos, lhe ocorresse tomar o poder e apoderar-se de Roma, pois não estava muito longe, enquanto Severo estava ocupado no Oriente. Com a promessa de honras, seduziu Albino, que era um homem vaidoso e muito simples e confiou nas promessas que Severo fazia nas cartas. O nomeou César e com esta participação no poder se antecipou à aspiração com a qual sonhava Albino [...]. Severo expôs o conteúdo da carta-convite ao Senado, para inspirar sua confiança, e ordenou que se cunhassem moedas de Albino e, por meio da construção de estátuas e de outras honras, confirmou a dignidade concedida (HERODIANO, II, 15.1-5).

Pode-se perceber por esta passagem de Herodiano que Severo estava preocupado com o apoio que Albino detinha entre os senadores e que só o atacou quando se sentiu suficientemente seguro de suas forças políticas e bélicas. Como demonstram Jean-Luc Desnier (DESNIER, 1994:757), Mason Hammond (HAMMOND, 1956:111) e C. E. Van Sickle (VAN SICKLE, 1928:123-127), Albino contava com inúmeros apoios na África do Norte, onde nasceu, tendo acesso a tantos membros da elite provincial quanto Severo, por meio de laços de clientela e patronato, e entre governadores e chefes militares da Gália, da Bretanha e da Hispânia e dos senadores em Roma. Deste modo, Albino fez divulgar seu poder e recebeu inúmeras inscrições epigráficas em várias regiões do Império, comemorando a sua indicação como César. No *Corpus Inscriptionum Latinarum*, podemos identificar, ao menos, oito referências ao seu título de César: CIL, VI, n. 724 (Roma); CIL, VIII, n. 1549 (Agbia); CIL, VIII, n. 26498 (Doug)²¹; CIL, VIII, n. 17726 (Hamman); CIL, XIII, n. 1753 (Lion); CIL, XIII, n. 6740 (Mayência); CIL, XIII, n. 1766 (Wiesbaden); CIL XIV, n. 6 (Óstia), havendo, portanto, uma certa predominância de inscrições no norte da África e na região da Gália-Bretanha.

Além disso, Albino teria se aproximado em termos de imagem, nas estátuas e nas moedas, da figura africana de Severo, enquanto era César. Ele tinha nascido na cidade de *Hadrumetum* e queria demonstrar que, como o Augusto, era também um representante em

²⁰ Esta idéia já foi previamente defendida por E. Manni (Manni, 1947:227), que comenta que Severo partiu para a luta contra Albino ao perceber que ele estava agindo como Augusto, com o apoio de elementos do Senado e que isso punha em perigo o seu poder de comando em todo território imperial.

²¹ Especificamente sobre esta inscrição *pro salute* do Imperador e de seu César, na qual o nome de Albino aparece como César junto com os outros membros da família imperial, vide: Van Sickle, 1928:125.

Roma da *africitas*, colocando em suas imagens os cabelos crespos característicos dos africanos (NERI, 1998:260-266).

De 193 a 195 d.C., Albino foi oficialmente César e como tal podia cunhar moedas ostentando este título. Janine Balty estudou esta cunhagem, realizada em três regiões do Império: Roma, Lion e cidades da Grécia e do Oriente (Pautália na Trácia, Smirna na Iônia, Sardes na Lídia e Sebaste na Cilícia) (BALTY, 1966:21-23). De 195 a 197 d.C., Albino continuou cunhando moedas em Lion, mesmo tendo perdido o apoio de Severo. Segundo esta pesquisadora, realmente Albino juntou ao seu nome o de *Septimius*, mas é interessante notar que mesmo após eles entrarem em guerra aberta, Albino não retirou este epíteto ou porque fizesse, originalmente, parte de seu nome de família ou porque ainda tinha esperanças de se acertar com Severo (BALTY, 1966:23). Para J. Balty, restaram-nos somente oito retratos em pedra de Clódio Albino, entre cabeças de estátuas e bustos (BALTY, 1966:57), visto que vários foram destruídos após sua derrota para Severo, numa tentativa dos habitantes das cidades demonstrarem que apoiavam Septímio contra Albino.

Seus poucos retratos são todos muito parecidos com os de Severo, pois haveria entre eles, realmente, uma forte semelhança, vinda de suas características africanas (HA, Vida de Clódio Albino, II.1 e VI.4-5) e pelo desejo do César de se aproximar das feições de seu Augusto, num primeiro momento do governo.

Como coloca John R. Johnson, quando há dois homens disputando o poder pode haver dois tipos de propaganda: a de integração, quando eles estão se entendendo, na qual as imagens se complementam, e a de agitação, quando o pacto de poder é rompido e as imagens são construídas de forma a se contraporem (JOHNSON, 1976:78). Para nós, foi o que ocorreu nas imagens de Septímio e de Albino. Entre 193 e 195 d.C., quando Clódio era César de Septímio, suas imagens se complementaram. A partir do rompimento em 195 d.C. e até 197 d.C., suas imagens se sobrepuseram. E podemos verificar isso por meio de uma análise numismática, visto que nos restaram tão poucas estátuas.

Clódio Albino se sentiu tão legitimado pelo título de César e tão apoiado pelos africanos que fez questão de divulgar a imagem de uma divindade comum em sua cidade natal, *Hadrumetum*. Trata-se de *Frugifer*, uma espécie de Saturno africano (DESNIER, 1994:753)²², posto sob a legenda *Saeculo Frugifero*. A legenda não era nova, mas os tipos monetários adotados por ele sim. Nos reversos das moedas, pode-se ver a divindade barbada com uma tiara na cabeça, sentada sobre um trono, ladeada por duas esfinges aladas (BMC, V, n. 102 e 103 - aureos cunhados em Roma; RIC, IV, n. 8, 9, 12 – denários cunhados em Roma), ou a divindade em pé com a coroa radiada na cabeça, tendo um caduceu numa mão e um tridente na outra (BMC, V, n. 539 a 542 – sestércios cunhados em Roma; RIC, IV, n. 10 – denário cunhado em Roma; BMC, V, n. 548 a 550 – ases cunhados em Roma).

Interessante notar que Severo também usou esta legenda e a imagem do deus em pé com caduceu e tridente (BMC, V, n. 4 – aureo cunhado em Roma), mas preferiu representar os deuses de sua cidade natal, *Leptis Magna*, *Liber Pater* e Hércules (BMC, V, n. 63 a 66 – aureos e denários cunhados em Roma).

Para Jean Gagé, a utilização da mesma legenda com imagens comuns e/ou diversas, ao mesmo tempo, traduz a rivalidade de duas propagandas, apoiadas ambas nas tradições africanas (GAGÉ, 1934:66-67). As propagandas neste período, portanto, se completavam e se integravam, enfatizando-se suas origens africanas comuns.

A partir de 195 d.C., aparece no anverso das moedas cunhadas em Lion²³ o título de Augusto dado a Albino, a revelia de Severo, o que iniciou a fase da propaganda de agitação. Moedas estas feitas principalmente em prata (denários) e mais raramente em ouro (aureos), não sendo encontradas moedas de menor valor, como sestércios, ases ou dupôndios com o nome de Albino a partir desta data (BALTY, 1966:21). A partir desta constatação, pode-se supor que Albino cunhou moedas principalmente para pagar os legionários e para agraciá-los e aos aristocratas que o apoiavam com donativos e congíarios. Suas moedas foram, assim, importantes suportes de propaganda de suas virtudes e de sua possibilidade de vir a governar o Império, pois não foram produzidas por motivos meramente econômicos, tanto que não há sestércios, ases e dupôndios, mas moedas de mais alto valor, usadas primordialmente para pagar as tropas e na distribuição de donativos e congíarios.

²² Segundo J. L. Desnier, o epíteto de *frugifer*, ou seja, fecundo, abundante era dado na África principalmente a Saturno, como divindade responsável por garantir um século de abundância (DESNIER, 1994:753).

²³ Depois de 197 d.C., a cidade de Lion ficou proibida de cunhar suas próprias moedas, como castigo por seus habitantes terem apoiado Clódio Albino (BALTY, 1966:21).

Nestas moedas de Lion, vemos retratadas e divulgadas as emblemáticas imagens da *Fides* Legionária, com a águia representada entre dois estandartes (RIC, IV, n. 19; BMC, V, n. 271 e 284 – denários), divulgando-se que Albino contava com o apoio das legiões; da *Fortuna AVG.* (RIC, IV, n. 22 – denário) e da *Providentia AVG.* (RIC, IV, n. 33 a 36 – denários), representando o apoio das divindades aos propósitos de Clódio; da *Pax AVG.* (RIC, IV, n. 32 e 33 – denários), demonstrando que só Clódio poderia trazer a paz para o Império; e prometendo felicidade (*Saec. Fel.* – RIC, IV, n. 37 e 38; BMC, V, n. 264 - denários), saúde (*Saluti AVG.* – RIC, IV, n. 39 e 40 – denários), esperança (*Spes AVG.* – RIC, IV, n. 41 e 42; BMC, V, n., 266 e 267 – denários), vitórias (*Vict. AVG.* – RIC, IV, n. 43 e 44; BMC, V, n. 268 – aureos e denários) e virtude (*Virtuti AVG.* – RIC, IV, n. 48 e 49; BMC, V, n. 290 – denários) para o Império e seus habitantes.

Enquanto isso, Severo também cunhava moedas mostrando deter a *Fides* legionária (RIC, IV, n. 1 – aureo cunhado em Roma) e a *Concordiae Militum* (RIC, IV, n.108 – denário cunhado em Roma), e enfatizando e divulgando os seus títulos de Pártico, Árábico e Adiabênico, conseguidos nas campanhas do Oriente (RIC, IV, n. 41, 58, 62, 63, 64; BMC, V, n. 107 a 109 e n. 131 a 133 – denários cunhados em Roma), demonstrando o seu poder bélico frente ao seu rival.

Visando legitimar seus feitos contra Albino e seus partidários, Severo conseguiu que o Senado o proclamasse inimigo público (HA, Vida de Severo, IX; HA, Vida de Clódio Albino, IX; Herodiano, III, 6.8), ao mesmo tempo em que se fazia aclamar pelas suas legiões (HERODIANO, III, 6.8). Atacou Albino pela primeira vez em 195 d.C., justificando o ataque pelo fato de ele estar agindo cada vez mais como Imperador, contando para isso com o apoio de elementos do Senado. Segundo Herodiano foi nesse momento que o caráter cruel de Septímio apareceu pela primeira vez (HERODIANO, III, 5.6). Na História Augusta, frisa-se que este caráter cruel apareceu no momento em que, com seu cavalo, Severo mutilou o corpo de Albino (HA, Vida de Severo, XI.6-9) (TIMONEN, 1993:88).

Septímio acusou Albino de o estar traíndo, afirmando que lhe deu honra e fama e o direito de divulgar sua imagem pública e que ele estava usando isso contra o próprio governante (HERODIANO, III, 6.3-5). Por isso, contando com os deuses e com os troféus que indicavam suas vitórias anteriores, Severo atacou Albino (HERODIANO, III, 6.7). Tanto Herodiano quanto Dion Cássio descreveram as batalhas travadas pelos dois contendores até a final em *Lugdunum*, onde Albino foi derrotado e morto (DION CÁSSIO, LXXV, 1.1 e Herodiano, III, 7.1-8):

Quando Albino, que seguia vivendo ociosa e desordenadamente, recebeu a notícia de que estava sendo cercado por Severo, caiu em estado de profunda confusão mental. [...] Escreveu a todos os governadores das províncias vizinhas, ordenando que enviassem dinheiro e provisões para seu exército. Alguns obedeceram e lhes enviaram alimentos, sendo mais tarde castigados por Severo; outros não acataram a ordem e se salvaram graças à decisão mais afortunada do que meditada. O resultado da guerra deu valor à decisão de cada um (HERODIANO, III, 7.1).

Clódio parecia realmente estar se fortalecendo muito no Ocidente, aumentando paulatinamente o seu grupo de apoio junto aos governadores das províncias. Na História Augusta, conta-se que, além disso, ele se preocupou em mandar dinheiro para algumas cidades que haviam sido destruídas por Pescênio Nigro (HA, Vida de Clódio Albino, XI), possivelmente, visando conseguir o apoio dos provinciais favoráveis a Nigro e derrotados e punidos por Severo, quando tentasse tomar o poder.

Para Jean Béranger, Septímio quis, após vencer Albino, exterminar a raça do rival vencido (BÉRANGER, 1974:3), isto porque, além de torná-lo um exemplo, expondo sua cabeça em público em Roma (HERODIANO, III, 8.1 e DION CÁSSIO, LXXVI, 7.3) e de enviar uma carta para o Senado de Roma, contando a sua versão dos acontecimentos (HERODIANO, III, 8.1), Severo mandou matar a esposa e os filhos de Albino (HA, Vida de Severo, XII e HA, Vida de Clódio Albino, IX), para evitar o surgimento de um Vingador em potencial, repetindo o que já havia feito anteriormente após a eliminação de Pescênio Nigro. Também ordenou a eliminação capital dos amigos e aliados de Albino e o confisco e posterior leilão de seus bens, cujo rendimento foi, então, levado para o erário público (HA, Vida de Severo, XII; HA, Vida de Clódio Albino, XII; HERODIANO, III, 8.2-3). Com a tomada desta medida tão impopular entre alguns aristocratas, Severo percebeu a necessidade de criar uma nova fama para si (HERODIANO, III, 9.1), uma nova imagem. Devido a esta percepção, Severo teria recusado o triunfo e viajado para o Oriente para lutar novamente contra os Partos (HERODIANO, III, 9.1), tentando demonstrar a sua capacidade de governo. Segundo Sheldon Nodelman, Severo teria inclusive alterado sua feição nos retratos após vencer Albino, em 197 d.C., dando origem ao

tipo II dos quatro tipos de imagens produzidas por ele, buscando amenizar suas feições e demonstrando, por intermédio de seus retratos, não ser tão cruel quanto os seus detratores propagandeavam (NODELMAN, s.d.:69-70)²⁴.

Da mesma forma, Severo escreveu a sua autobiografia, na qual dava a sua versão para os fatos ocorridos até aquele momento e divulgava que Albino era um ser depravado e malvado (HA, Vida de Clódio Albino, XI), destruindo a sua imagem para a posteridade. Tanto que, na História Augusta, obra na qual teriam sido utilizadas informações vindas desta autobiografia, Albino é comparado a Catilina, como um traidor de seu tempo, capaz de desestabilizar a República (HA, Vida de Clódio Albino, XIII)²⁵. Dion Cássio, bastante contaminado pela propaganda pró-Severo, visto que também utilizou os dados fornecidos pela autobiografia, como ele mesmo afirma (DION CÁSSIO, LXXVI, 6.6), comenta que Albino e Septímio tinham comportamentos completamente diferentes e que Septímio venceu devido às suas qualidades militares: “Albino tinha tido uma excelente família e educação, mas seu adversário (Severo) era superior em estratégia e era um hábil comandante” (DION CÁSSIO, LXXVI, 6.2).

Assim, segundo Dion, foi devido ao seu superior conhecimento militar, portanto, ao seu conhecimento e à sua personalidade, que Severo ganhou de Albino. De qualquer forma, Dion Cássio, mesmo sendo pró-Severo, jamais diminuiria o caráter de um aristocrata como ele e nemalaria algo que depusesse contra os senadores que apoiaram Clódio, pois Dion sempre apresentou em sua obra a *forma mentis* senatorial (CIZEK, 1990:160).

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio (CHARTIER, 1990:17). Portanto, não foi apenas no campo bélico que Severo se contrapôs a Albino e Nigro. Ele também se preocupou em emitir moedas que ressaltassem sua possibilidade de melhor governar, em punir os rivais e seus amigos e em fundamentar e justificar suas ações pela criação de uma autobiografia, que serviu a vários historiadores da sua época e aos escritores posteriores. Não há informações de que Severo tenha pedido ao Senado que decretasse a *damnatio memoriae* de Albino ou que tivesse mandado destruir suas imagens. Ao contrário, parece que, como já havia feito com as imagens de Nigro, Severo preferiu que elas passassem pela peneira do tempo, para que todos vissem que homens poderosos ele havia derrotado, deixando para a posteridade a imagem de um grande vencedor.

ABSTRACT: Most historians of the Septimius Severus Emperors considers their governments as a military monarchy. According to this perspective, to support their political power those Emperors provided benefits to military groups. This work seeks to explore another viewpoint focusing on others political strategies to gain support from several social groups. Septimius, the first Severus Emperor, for example, divulged contrary images that promoted for Pescennius Nigrus and Clodius Albinus, during the Civil Wars of 193-197 A . D.

KEY-WORDS: Roma – Empire – Severus – Power – Imaginary.

Referências

A) FONTES

Dio's Roman History. English translation by Earnest Cary. London: William Heinemann, 1961. V.9 (The Loeb Classical Library).

²⁴ De acordo com a periodização das imagens organizada por Sheldon Nodelman, Severo teve quatro tipos de imagens: a primeira de 193 a 196 d.C. (guerras civis – demonstração do poder bélico); a segunda de 197 a 204 d.C. (demonstração de sua capacidade administrativa); a terceira de 204 a 207 d.C. (ecos dos Jogos Seculares); e a quarta de 208 a 211 d.C. (predominância de imagens junto com os filhos e herdeiros) (NODELMAN, s.d.).

²⁵ Como afirma Nelson J. Garcia, a contra-propaganda serve exatamente para neutralizar as idéias contrárias, amenizando-se o impacto das mensagens opostas e tentando anular seu efeito persuasivo. Critica-se, assim, principalmente a personalidade e o comportamento do opositor (GARCIA, 1990:60-61). Por isso, acreditamos que a autobiografia de Severo, que tanto influenciou os discursos de seu tempo e os pósteros, foi uma das principais obras de contra-propaganda a Clódio Albino e Pescênio Nigro efetuada por Septímio, pois nela ele parece ter atacado principalmente a personalidade e o comportamento dos rivais, para justificar as suas ações.

- Epitome de Caesaribus*. Traduction de M.N.A. Dubois. Paris: C.L.F. Panckoucke, 1846.
- ERODIANO. *Storia dell'Impero Romano dopo Marco Aurelio*. Testo e versione di Filippo Càssola. Firenze: Sansoni, 1967.
- EUTROPE. *Abrégé de l'Histoire Romaine*. Traduction et introduction par Maurice Rat. Paris: Garnier, 1990.
- HERODIANO. *Historia del Imperio Romano después de Marco Aurélio*. Traducción y notas por Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Gredos, 1985.
- HÉRODIEN. *Histoire de l'Empire Romain après Marc-Aurèle*. Traduit et commenté par Denis Roques. Paris: Les Belles Lettres, 1990.
- MATTINGLY, H.; SYDENHAM, E. A. (ed.). *The Roman Imperial Coinage*. London: Spink and Son, 1936. V. 4, partes 1 e 2.
- _____ (ed.). *Coins of the Roman Empire in the British Museum*. London: British Museum, 1950. V.5.
- NODELMAN, S. *Severan Imperial Portraiture*. Yale University, unpublished.
- SEXTUS AURELIUS VICTOR. *Histoire des Césars*. Traduit par Pierre Dufraigne. Paris: Les Belles Lettres, 1975.
- SOECHTING, D. *Die Portrats des Septimius Severus*. Bonn: Rudolf Habelt Verlag, 1972.
- The Scriptores Historiae Augustae*. English translation by David Magie. London: William Heinemann, 1953. V. 1 e 2 (The Loeb Classical Library).
- B) OBRAS GERAIS
- ALFÖLDY, G. *A História Social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.
- ARNHEIM, M. T. W. *The Senatorial Aristocracy in the Later Roman Empire*. Oxford: Clarendon Press, 1972.
- BAHARAL, D. *Victory of Propaganda*. Oxford: Tempus Reparatum, 1996.
- BALTY, J. *Essai d'Iconographie de l'Empereur Clodius Albinus*. Bruxelles: Latomus, 1966.
- BARBIERI, G. *L'Albo Senatorio da Settimio Severo a Carino*. Roma: A. Signorelli, 1952.
- BARNES, T. D. The Family and Career of Septimius Severus. *Historia*. Wiesbaden, 16: 100-125, 1967.
- BÉRANGER, J. L'Hérédité Dynastique dans l'Histoire Auguste: Procédé et Tradition. In: *Bonner Historia Augusta Colloquium*. Bonn: Rudolf Habelt Verlag, 1974. p.1-49.
- BERSANETTI, G. M. Su Pescennio Nigro. *Aegyptus*. Milano, 29:76-90, 1949.
- _____. P. Settimio Geta, Fratello di Settimio Severo. *Epigraphica*. Milano, 20:105-129, 1946.
- BERTRAND-DAGENBACH, C. La Carrière du Prince dans l'Histoire Auguste. In: *Historiae Augustae Colloquium Argentoratense*. Bari: Edipuglia, 1998. V.6, p.23-39.
- BIRLEY, A. *Septimius Severus: The African Emperor*. London: Eyre and Spottiswoode, 1971.
- _____. *The Roman Army*. Amsterdam: J.C. Gieben, 1988.

- _____. The Coups d'Etat of the Year 193. *Bouner Jahrbucher*. Bonn, 169:247-280, 1969
- BLAND, R. F.; BURNETT, A. M.; BENDALL, S. The Mints of Pescennius Niger in the Light of Some New Aurei. *The Numismatic Chronicle*. London, 147:65-83, 1987.
- CALDERINI, A. *I Severi*. Bologna: Livinio Capelli, 1949.
- CAMPBELL, J. B. *The Emperor and the Roman Army*. Oxford: Clarendon Press, 1984.
- _____. The Marriage of Soldiers under the Empire. *Journal of Roman Studies*. London, 68:153-166, 1978.
- CARRIÉ, J. M. Eserciti e Strategie. In: MOMIGLIANO, A.; SCHIAVONE, A. (dir.). *Storia di Roma*. Torino: Giulio Einaudi, 1993. V.3(1), p.83-93.
- _____; ROUSSELLE, A. *L'Empire Romain em Mutation, des Sévères à Constantin*. Paris: Seuil, 1999.
- CHARTIER, R. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.
- CIZEK, E. *Mentalités et Institutions Politiques Romaines*. Paris: Fayard, 1990.
- DAUGE, Y. A. *Le Barbare*. Bruxelles: Latomus, 1981.
- DE REGIBUS, L. Contrasti Politici alla Corte di Lucio Settimio Severo. *Athenaeum*. Pavia, 24(3-4):129-144, 1946.
- DESNIER, J.-L. Septime Sévère, Rassembleur de l'Orbis Romanus. In: *Mélanges à la Memoire de Marcel Le Glay*. Bruxelles: Latomus, 1994. p.752-766.
- DOWNEY, G. Malalas on the History of Antioch under Severus and Caracalla. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*. Haverford, 68:141-156, 1937.
- DUNCAN-JONES, R. *Money and Government in the Roman Empire*. Cambridge: University Press, 1998.
- ESPINOSA, U. La Alejandrofilia de Caracala en la Antigua Historiografía. In: CROISILLE, J. M. (ed.). *Alejandro Magno, Modelo de los Emperadores Romanos*. Bruxelles: Latomus, 1990. p.37-51.
- EVANS, J. An Aureus of Pescennius Niger. In: *Corolla Numismatica*. Oxford: University Press, 1906. p.29-33.
- FERRILL, A. The Senatorial Aristocracy in the Early Roman Empire. In: EADIE, J.W. (ed.). *The Craft of the Ancient Historian*. New York: University Press of America, 1985. p.353-363.
- FITZ, J. The Policy of Septimius Severus in the Military Direction of the Civil War between 193 and 1297. In: *Acta of the Fifth International Congress of Greek and Latin Epigraphy*. Oxford: Basil Blackwell, 1971. p.425-429.
- FORTE, B. *Rome and the Romans as the Greeks Saw Them*. Rome: American Academy in Rome, 1972.
- GAGÉ, J. Les Jeux Séculaires de 204 ap. J. C. et la Dynastie des Sévères. *Mélanges d'Archéologie et d'Histoire de l'École Française de Rome*. Paris, 51:33-78, 1934.
- GARCIA, N. J. *O que é Propaganda Ideológica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- GARNSEY, P. Septimius Severus and the Marriage of Soldiers. *California Studies in Classical Antiquity*. Berkeley, 3:45-53, 1970.

GRAHAM, A. J. Septimius Severus and his Generals. In: FOOT, M.R.D. (ed.). *War and Society*. London: Paul Elek, 1973.

GRANT, M. *The Army of the Caesars*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1974.

HAMMOND, M. The Transmission of the Powers of the Roman Emperor from the Death of Nero in A.D. 68 to that of Alexander Severus in A.D. 235. *Memoirs of the American Academy in Rome*. Rome, 24: 118-128, 1956.

_____. Septimius Severus, Roman Bureaucrat. *Harvard Studies in Classical Philology*. Cambridge, 51:63-133, 1940.

HARMAND, L. Le Monde Romain sous les Antonins et les Sévères. *L'Information Historique*. Paris, 22(1):21-29, 1960.

HARRER, G. A. The Chronology of the Revolt of Pescennius Niger. *Journal of Roman Studies*. London, 10:155-168, 1920.

HOMO, L. Privilèges Administratifs du Sénat Romain. *Revue Historique*. Paris, 137:11-52, 1921.

JACQUES, F. Les Nobiles Exécutés par Septime Sévère selon l'Histoire Auguste: Liste de Proscription ou Énumération Fantaisiste?. *Latomus*. Bruxelles, 51:119-144, 1992.

JOHNSON, J. R. *Augustan Propaganda*. Los Angeles: University of California Press, 1976.

KEYES, C. W. *The Rise of the Equites*. Princeton: University Press, 1915.

LE BOHEC, Y. *L'Esercito Romano*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1993.

LETTA, C. La Dinastia dei Severi. In: MOMIGLIANO, A. ; SCHIAVONE, A. (dir.). *storia di Roma*. Torino: Giulio Einaudi, 1991. V. 2(2), p.639-683.

_____. La Famiglia di Settimio Severo. *L'Africa Romana*. Sassari, 2:531-545, 1986.

LO CASCIO, E. Fra Equilibrio e Crisi. In: MOMIGLIANO, A. ; SCHIAVONE, A. (dir.). *storia di Roma*. Torino: Giulio Einaudi, 1991. V. 2(2), p.701-731.

LOPUSZANSKI, G. La Transformation du Corps des Officiers Supérieurs. *Mélanges de l'École Française de Rome*. Rome, 55:131-183, 1938.

MACMULLEN, R. The Legion as a Society. *Historia*. Wiesbaden, 33: 440-456, 1984.

MANNI, E. La Lotta di Settimio Severo per la Conquista del Potere. *Rivista di Filologia Classica*. Torino, 75:211-243, 1947.

MARTIN, J. P. *Providentia Deorum: Recherches sur Certains Aspects Religieux du Pouvoir Impérial Romain*. Rome: École Française de Rome, 1982.

MAZZA, M. *Lotte Sociali e Restaurazione Autoritaria nel III Secolo d.C.* Catania: Università, 1970.

MURPHY, G. J. *The Reign of the Emperor L. Septimius Severus from the Evidence of the Inscriptions*. Philadelphia: St. Peters College Press, 1945.

NERI, V. La Caratterizzazione Fisica degli Imperatori nell'Historia Augusta. In: *Historiae Augustae Colloquium Argentoratense*. Bari: Edipuglia, 1998. V.6, p.249-267.

PLATNAUER, M. On the Date of the Defeat of C. Pescennius Niger at Issus. *Journal of Roman*

Studies. London, 8:146-153, 1918.

RUBIN, Z. *Civil-War Propaganda and Historiography*. Bruxelles: Latomus, 1990.

SARTORI, F. Recenti Colloqui Bonnensi sulla HA. In: GASPERINI, L. (ed.). *Scritti sul Mondo Antico*. Roma: Giorgio Bretschneider, 1981. p. 561-586.

SCOTT, J. C. *Domination and the Arts of Resistance*. Yale: University Press, 1990.

SMITH, R. E. The Army Reforms of Septimius Severus. *Historia*. Wiesbaden, 21:481-500, 1972.

TIMONEN, A. The Historia Augusta: Two Faces of Violence. *Eos*. Gdansk, 81:83-92, 1993.

VAN SICKLE, C. E. The Legal Status of Clodius Albinus in the Years 193-96. *Classical Philology*. Chicago, 23(2):123-127, 1928.

_____. Changing Bases of the Roman Imperial Power in the Third Century A. D. *L'Antiquité Classique*. Bruxelles, 8:153-170, 1939.